

## TESE DOS INDEPENDENTES

*Mas a vida, a vida, a vida  
a vida só é possível reinventada.*  
Cecília Meirelles

### **1. Socialismo, crise do capitalismo e conjuntura internacional**

Esse ano é o sesquicentenário da Comuna de Paris, quando os socialistas chegaram ao poder político por poucos meses extinguindo o trabalho noturno, entregando as residências oficiais a novos ocupantes, reduzindo a jornada de trabalho, instituindo a igualdade entre os sexos e acabando a pena de morte. A comuna mostrou que é possível escalar o céu. Somos seus herdeiros, como de Marx, Lênin, Gramsci, Che Guevara, Rosa de Luxemburgo e Mariátegui. Mas também de Frida Kahlo, Joana Angélica, Zumbi, Luiza Mahin, Frei Caneca, Margarida Alves, Marighela, Loreta Valadares, Túpac Amaru, Pagu e Martin Luther King. Seu legado nos leva a continuar lutando e estudando experiências como a economia chinesa, a resistência dos curdos, zapatistas, catalães e mapuches e a sociedade plurinacional boliviana do “bem viver”.

A economia capitalista já apresentava problemas que já haviam suscitado protestos e levado o Capital a optar pela saída neofascista. A COVID expôs as fragilidades do sistema. A crise durante a pandemia interrompeu a circulação de mercadorias e da moeda afetando a produção, o comércio, os serviços, fazendo com que milhões convivessem com a fome, as falências, em um enorme choque social que se refletiu particularmente na periferia do sistema abalando a vida em especial dos trabalhadores, comunidades tradicionais, negros, mulheres, indígenas, agricultores e despossuídos.

Denunciamos que a pandemia está sendo utilizada para ampliar a agenda capitalista, agravar a miséria, produzir os “inimpregáveis” e passar o rolo compressor nos direitos. O que precisa mais para concluir que o capitalismo é uma ameaça mortal para a humanidade? Já não basta tornar países falidos através de dívidas impagáveis, não criar postos de trabalho, provocar graves mudanças climáticas, destruir fronteiras naturais e sociais e despertar vírus destruidores? Como acreditar no liberalismo real para o qual nada valem os seres humanos, dispensáveis para o modo de produção que se livra deles através do genocídio puro e simples?

Antes bastava estar em um partido revolucionário, ler contribuições teóricas dos clássicos do marxismo e atuar em uma das principais categorias de trabalhadores. Hoje não existem esses partidos, clássicos ou categorias protagônicas, mas o capitalismo exige de nós reinterpretar e elaborar novas estratégias e táticas de luta. Os sujeitos revolucionários foram profundamente atingidos pelas mudanças impostas pela revolução tecnológica superando os paradigmas das lutas sindicais do século passado. Concordamos com Ruy Braga quando afirma que “é preciso pensar alternativas as estratégias socialistas que foram derrotadas no Século XX”.

A sociedade real é a do trabalho fragmentado, disperso, precarizado, com novas formas de gestão, contratação e organização da produção. Precisamos ressignificar as utopias, reaprender com as formas de luta dessa miríade de segmentos em que se transformou a classe trabalhadora. Conforme David Harvey, “a esquerda precisa começar a falar com essa nova classe, que não está nas fábricas”. É preciso aprofundar a vocação do PSOL

de representar “os de baixo”, ou nos reinventamos ou corremos o risco de ficarmos numa bolha cercados por instrumentos de controle a cada dia mais programados.

A última década viu o deslocamento de ramos inteiros da produção para a Ásia, o crescimento da inteligência artificial, automação, revolução digital, a entrada da China em áreas tecnológicas fulcrais e a explosão de mais uma pandemia demolidora. A redução dos rendimentos da jogatina financeira aproximou as mega-empresas da extrema-direita dos *outsiders* “anti-sistema” alicerçados no avanço das comunicações. Promoveu a ascensão de um neo fascismo anti-globalização colocando aqui e ali tarefas como a precarização e flexibilização do trabalho, desnacionalização, fechamento de fronteiras e desmanche das relações internacionais.

O impacto do vírus na geopolítica mundial e na América Latina foram tremendos. Em 2020, os EUA decresceram 3,4, a área do Euro -7,2%, a Espanha - 11,1, o Japão -5,1 e o Brasil -4,5%. No entanto a China cresceu 2,3% e tem previsão de 8,1% para 2021. As dívidas públicas cresceram em todos os lugares. O ano representou a pior década da América Latina em cem anos. O PIB decresceu 9,1%, a pobreza atingiu 231 milhões e as falências 2,7 milhões de empresas. Houve retrocesso nos direitos trabalhistas. As previsões de recuperação tem sido adiadas para 2023 e 2025, embora o ano concentre este ano eleições importantes. No Brasil a ajuda ao sistema financeiro foi de R\$ 1,4 trilhões enquanto a emergencial foi de R\$ 186,5 bilhões. Já os gastos com a saúde foram R\$ 299,3 bilhões, a maior parte para a saúde privada. Levaram à transferência de renda em benefício do sistema financeiro e do setor de saúde.

O período atual substituiu o consenso neo liberal, os tratados do pós-segunda guerra e enfraqueceu os organismos de mediação internacional. Demonstrou a inadequação das formas mais instantâneas e consumistas de acumulação de capital e que a gestão global da saúde é indispensável e que é criminosa a redução dos gastos públicos. Ao nos fazer tomar consciência da fragilidade da vida humana colocou em cheque as prioridades das sociedades e exige a colaboração entre os países.

A retomada da economia internacional passa pelo destino da pandemia e das medidas para o seu combate. A destruição perpetrada pelo Capital nesta crise repercutirá por certo durante anos. A confiança nos negócios demorará a ser restaurada. A diminuição da distância digital entre as pessoas será adiada e o padrão de vida médio será afetado, assim como os efeitos da paralisação da educação, do trabalho e da cultura. Os socialistas precisam refazer sua crítica radical ao sistema e propor uma sociedade solidária que valorize as vidas humanas.

### **1.1. Bens comuns, estratégia, espiritualidade, cultura e luta contra a opressão**

*Mãe Terra, testemunha como meus inimigos derramaram meu sangue.*

Túpac Amaru

Não é possível conceber socialismo sem o cuidado com os bens comuns do planeta, a terra, a espiritualidade e a luta contra a opressão. A destruição dos espaços públicos pelo Capital e a destruição da natureza são parte de um *construto* que atua no sentido de subtrair cada vez mais os direitos humanos básicos. Acostumamos-nos a considerar

como condição imanente aos seres vivos racionais: solo, água, ar e conhecimento. Mas o Capital modifica as condições ambientais de sua própria reprodução remodelando perpetuamente as condições ambientais. A defesa da natureza considera a responsabilidade com o planeta, espaço comum a todas e todos para proteger, preservar e assegurar o acesso equilibrado aos bens naturais comuns.

Para a construção de outro mundo precisamos: a) garantia de solos não contaminados para que, junto com a adoção de técnicas e práticas, torne possível a produção de alimentos saudáveis; b) qualidade das nascentes que formam os riachos e rios, para favorecer a oferta de recursos hídricos confiáveis; c) ar respirável a partir de diminuição de liberação de gases e contaminantes, também de efeito estufa; d) preservação das diversas expressões lingüísticas, culturais e de saber, com meios de comunicação democratizados e de uso irrestrito; e) manutenção e ampliação dos espaços públicos compartilhados; f) uma outra concepção de democracia sócio-política de caráter participativo.

É imprescindível uma relação mais harmônica das cidades com o seu entorno natural e que não se reduzam a ser objetos de lucro e concreto. Que tratem seus habitantes como cidadãos e que estes vejam as questões da cidade como suas. Responsabilizemos o Estado pela pobreza e a reabilitação da dignidade das pessoas com planos estratégicos que façam com que a propriedade se submeta a critérios sociais e com medidas compensatórias e de inclusão social aos mais frágeis despejados pela concorrência como o esporte e a cultura.

É essencial quebrar a articulação do Capital com o Estado e o agronegócio. Desenvolver um programa que garanta terra, produção e cooperativismo a partir da regularização fundiária, a assistência técnica e a adoção de um modelo de educação com base na realidade do agricultor resgatando sua auto estima e provendo uma educação contextualizada. Uma ação séria deverá ser tomada em relação aos agrotóxicos dos quais o Brasil se tornou um dos maiores consumidores. Não é possível construir o PSOL nas pequenas e médias cidades do país sem estar junto à agricultura familiar, nações indígenas, comunidades tradicionais, Fundos e Fechos de Pasto, trabalhadores rurais, quilombolas e pescadores.

É preciso disputar a crescente espiritualidade através da colaboração dos marxistas, cristãos, matrizes afro descendentes, indígenas, espíritas e outras espiritualidades progressistas. Se as primeiras organizações comunistas foram anti confessionais não é correto insistir em dar a religião um tratamento filosófico e genérico como “ópio do povo”. São mais de 150 anos de aproximação neste terreno mas muitos lutadores enxergam apenas uma época onde a religião era apenas um sistema de punições e recompensas onde imperava o sexismo, o machismo e o patriarcal. Não se faz revolução sem pensar na imaterialidade do ser humano e em uma espiritualidade emancipatória e libertadora. O PSOL necessita criar um Setorial de dialogo inter – religioso, um espaço onde possamos debater e elaborar possíveis caminhos que possa unir fé e política, espiritualidades, eco socialismo e bem viver.

A cultura é decisiva como afirmação da identidade de uma comunidade e da autonomia dos indivíduos. A nossa condição de país continental, com um tecido social e territorial multifacetado revela uma diversidade de formas de expressão criativa. Seja pelas tradições populares do campo, em uma ação com os artistas profissionais e na emergência cultural das periferias das cidades, urge a atuação do PSOL criando um

Setorial de cultura para a defesa de políticas públicas abrangentes e que atendam aqueles múltiplos interesses.

Numa sociedade preñe de exclusões um projeto socialista deve combater o racismo, o machismo e a homofobia. Um ideário como o nosso não tem como colocar na base da sua crítica ao modelo sócio-econômico e cultural de natureza segregacionista e sua condição de ser produto de uma construção histórico-social colonialista de base escravocrata com sua ideologia racista e eurocentrista. Nosso objetivo não pode ser outro do que romper definitivamente com essa condição e adotar a resistência como instrumento de acessibilidade à representação política das classes trabalhadoras e do povo excluído, em geral negros, indígenas, homens e mulheres pobres, favelados, sem terra, sem moradia, subempregados, desempregados, sem acesso a saúde, educação, alimentação e moradia dignas.

O racismo deve ser visto como uma estratégia de dominação que inclui elementos culturais, econômicos, ideológicos e políticos. A esquerda brasileira precisa entender a luta contra o racismo e o patriarcado como lutas estratégicas. Combatê-los é desestruturar a lógica de dominação e exploração que submete boa parte da população pobre do nosso país sendo que esses princípios devem estar representadas na fala das nossas organizações nos fazendo mais humanos, mais revolucionários. Uma profunda mudança deve ser feita na operacionalização da justiça e segurança que mostra a quase total ausência dos negros nos andares de cima e sua massiva condição de vítimas do sistema, seja nas operações policiais, no racismo institucional e no encarceramento.

A sociedade capitalista viu as mulheres conquistarem direitos nunca vistos. Simone Beauvoir afirmou que “não se nasce mulher, torna-se mulher” mostrando a desnaturalização do seu papel, o direito de dispor de sua vida e de seu corpo e a uma sexualidade livre. A sociedade precisa despertar para a diversidade e reconhecer-se nas diferenças. A classe trabalhadora brasileira tem cor, e essa cor é a das mulheres negras, quilombolas, indígenas e camponesas. Não haverá socialismo sem acabar com as opressões e compreender que deixar sufocar uma mulher representa um passo atrás no caminho de uma sociedade mais justa.

Embora a presença da luta dos homossexuais tenha surgido tardiamente no Brasil houve avanços como o reconhecimento da dignidade da pessoa humana e a discussão acerca da sexualidade e da homofobia. Mas trata-se de uma população ainda profundamente discriminada e que sofre uma inaudita violência em nossa sociedade que ainda vê o direito à diferença meramente para “inglês ver”. Os militantes do PSOL devem se integrar neste movimento para que outros direitos sejam somados a sua trajetória.

## **2. Conjuntura Nacional e Tática**

*O desmatamento é o golpe que rompe os muros entre a natureza selvagem e suas enormes reservas de vírus, por um lado, e as cidades humanas super populosas, por outro.*

Mike

Davis

Os anos 80 viram o fim de um modelo de desenvolvimento baseado em investimento estatal e financiamento externo. A crise pôs fim a trinta anos de crescimento das economias avançadas, desmontou os países do Leste Europeu e fez terminar a era da

industrialização do capitalismo brasileiro. A crise de 2007/8 foi de descrédito do sistema quando, a partir do financiamento habitacional nos EUA, faliram instituições financeiras por todo o mundo. A crise levou a baixo crescimento, reduziu os serviços do Estado e engessou a possibilidade de mudanças governamentais. Já nos preocupávamos com as saídas do grande capital e com as “Primaveras” forjadas, e elas vieram em 2016 com a eleição de Trump e o golpe jurídico-parlamentar contra Dilma Rousseff. Esta, porém, vinha pondo em prática um pesado ajuste fiscal inclusive com o corte de investimentos públicos. O país viu a elevação da carga tributária e iniciou um plano de desinvestimentos na PETROBRAS que incluiu a venda de distribuidora, termoelétricas e refinarias ajudando a criar condições políticas para o golpe.

O Brasil precisou de décadas para superar o papel de exportar produtos primários em troca de produtos industrializados e tornar-se exportador de produtos tecnológicos, serviços e ser um dos principais produtores mundiais de grãos. Hoje, entretanto, vivemos nova mudança tecnológica, que nos traz a inteligência artificial, a automação, que eleva o patamar da comunicação do planeta e se articula com a constituição de novos espaços geo-políticos-econômicos, na qual o Brasil perdeu protagonismo. A atual crise capitalista e o neo fascismo fez com que o país concentrasse ainda mais os meios de produção, aumentasse a pobreza e a desigualdade, e gestasse uma dependência ainda mais passiva na divisão internacional do trabalho, com o agravante de nosso “andar de cima” assumir uma postura cínica, a de jogar fora os anéis, o Estado, as conquistas civilizatórias, a condição humana, para ganhar dinheiro.

A assunção do Partido Democrata nos EUA estreitou a margem de manobra do país e coloca Bolsonaro na contramão da sua agenda que inclui a recuperação econômica, a justiça racial, o meio ambiente e a COVID. A relação com a China deteriorou-se ao ponto do governo ter de usar intermediários o que, durante a pandemia, revelou-se fatal. Em relação á União Européia há congelamento de acordos, desgaste da discussão sobre o clima e a suspensão de projetos para a Amazônia. Bolsonaro destruiu o arcabouço diplomático do Itamaraty construído ao longo de décadas. Tal é o isolamento do Brasil que se percebe crescer um discurso justificador de uma intervenção internacional para “salvar a Amazônia”. Esta é a situação que a extrema-direita levou o país.

O governo de Bolsonaro é um projeto fracassado e de curto fôlego. Sua política comprometeu a ciência, educação, cultura, pesquisa, gestão pública e meios de comunicação, nos quais localiza a “esquerda”. Transformou o cotidiano do país em permanente tensão política nas redes sociais, arregimentando milicianos, cooptando militares e colocando as instituições contra a parede. Enquanto isto se mostra um benemérito do Capital ao qual entregou aeroportos, concessões, estatais, o Banco Central, a Amazônia, importantes reservas de petróleo, a PETROBRAS e o Itamaraty. A luta contra o neo fascismo conseguiu denunciar o negacionismo, o desprezo civilizatório ao arrepio da democracia e da vida humana, mas está longe da construção de um projeto que permita aglutinar as forças populares e democráticas sem apelar para a conciliação de classes ou a ilusão de que poderemos ser aceitos no poder se não mexermos no que foi feito esses anos.

A incoseqüência do governo Bolsonaro durante a pandemia abriu um cenário de questionamento. Mas há pelo menos três grandes campos. O da burguesia de oposição - hegemônico pelas redes de TV e veículos de imprensa e que se confunde com ministros do STF -, um campo “democrático-popular” e um “campo” formado pela

média e grande burguesia. O primeiro campo apóia a política econômica do governo e combate as suas posições sobre costumes e democracia. O segundo campo tem mais a configuração de uma corrente de opinião, multifacética, cujas bases sofrem influência do primeiro campo. E o último campo se posiciona a partir das condutas pontuais do governo, particularmente no plano externo. No momento atual a oposição a Bolsonaro vive sob acordos tácitos entre o primeiro e o segundo campo. Uma forte reação da sociedade exigiria algumas condições preliminares: a) o fim das políticas de distanciamento social; b) a profunda indignação dos segmentos médios; c) uma postura neutra ou favorável do 3º campo; d) a retomada das lutas populares.

A passagem das classes médias para a oposição fez Bolsonaro reconfigurar aliados e contracenar com as instituições. Ao estilo de Luís Bonaparte descobriu os setores populares que ele atacou no ano anterior com as reformas trabalhista e da previdência. Tem demonstrado capacidade de vitimização e de se colocar como *outsider* contra o “sistema”. O ritmo da vacinação se constitui em seu principal desgaste. É preciso ver, entretanto, que Bolsonaro não está parado vendo a situação se agravar. Trocou de ministro da saúde, melhorando em alguns aspectos a logística da vacinação, e fez acordos que, mesmo tardios, podem levar à vacinação de dezenas de milhões com a primeira dose nos próximos meses. No entanto as ameaças a Bolsonaro continuam a começar pela vacinação a passos de cágado, o surgimento de novas cepas do vírus, a liberação da candidatura Lula, o andamento da CPI da COVID e o envolvimento do ministro do meio ambiente e de dirigentes do IBAMA em contrabando de madeira.

Recentemente houve a anulação dos processos alocados em Curitiba contra Luiz Inácio Lula da Silva e o início do julgamento de Sérgio Moro. A iniciativa foi do ministro Edson Fachin que negou diversos recursos de Lula e até visitas a cadeia em Curitiba. Mas os ministros - assim como a mídia burguesa de oposição - fizeram a façanha de desimputar-lhe um “crime” sem fazer-lhe justiça. Lula readquiriu a condição de ser candidato e, em sua primeira entrevista, ganhou cobertura de tal monta que o fato se generalizou. Sofrendo o permanente combate de Bolsonaro, sem desejar alavancar Moro, e vendo aproximar-se nova eleição com o risco de faltar candidato capaz de enfrentar Bolsonaro, os ministros preferiram liberar o ex-presidente já que o mínimo que poderia acontecer é ampliar sua capacidade de negociação com o Executivo.

As pesquisas de opinião presidenciais mostram um cenário polarizado com Lula na frente de Bolsonaro e rejeição ao presidente. Ou seja, a situação que Bolsonaro tanto buscou se constitui no fantasma da sua derrota. Mas ainda há muita água para rolar debaixo da ponte. A direita emplacará um candidato viável? Lula competirá com Ciro Gomes na aproximação do centro? Nas últimas semanas a burguesia de oposição e o STF emplacaram uma importante CPI da COVID. O processo acrescenta mais um fator imprevisível à crise. Se a tendência majoritária é resultar apenas em condenações formais ao primeiro e segundo escalão do governo a comissão no entanto preenche o imaginário de milhões que torcem pelo *impeachment* de Bolsonaro.

O PSOL deve apostar na luta pela vacinação para todos e todas e sua aceleração. Manter o Fora Bolsonaro e somar-se a certas iniciativas congressuais e do Judiciário de forma a erodir as bases de apoio ao presidente e dificultar recuos e recomposições burguesas. Deve estar alerta para os setores que querem apenas o desgaste de Bolsonaro sem priorizar a luta pelo *impeachment*.

Tal como Boff dizemos que nossa alternativa é “repensar os fundamentos da nossa sociedade e fechar o ciclo da Casa Grande”. No entanto a pandemia, o neo fascismo e o ultra liberalismo ocasionaram tal deterioração na vida do povo brasileiro tornando urgente uma Plataforma Emergencial para passar a limpo os malfeitos do governo Bolsonaro. O cenário exige medidas de caráter democrático, o retorno a independência dos poderes, funcionamento pleno do Estado democrático-liberal, reversão da deterioração do Estado brasileiro levada a efeito pelos dois últimos governos, fim do contingenciamento de verbas para a saúde, a educação, a ciência e a pesquisa, normalização das relações comerciais do Brasil, a quebra das patentes dos monopólios internacionais da saúde, medidas urgentes de combate à fome, ao desemprego, as falências, a garantia do auxílio emergencial de 600,00 por dois anos e um amplo Plano Nacional de Combate ao Desemprego.

Mas não basta “restabelecer a democracia” é preciso reverter a política de austeridade, retomar o crescimento, reduzir a vulnerabilidade produtiva, financeira e comercial, rever a política creditícia e a adotar uma política cambial flexível. Devemos revogar a Lei do Teto de Gastos, as reformas trabalhista e previdenciária e discutir seriamente o destino social dos benefícios que o Estado deixou de pagar a idosos e trabalhadores com a pandemia e com a contribuição de aposentados. Tornar nulas a entrega dos campos de petróleo e refinarias da PETROBRAS, recuperar a capacidade do Estado de promover o desenvolvimento reabilitando programas sociais e proteger a Amazônia. Aprovar uma reforma tributária progressiva com imposto sobre as grandes fortunas, uma lei que proíba os monopólios e cartéis, uma política externa independente, uma legislação participativa, a ampliação do acesso as comunicações, reforma agrária, fim do fator previdenciário e restrição de crédito nos bancos oficiais a empresas que demitirem em massa.

### **3. Balanço da gestão e organização partidária: um novo modelo de gestão para o PSOL-Bahia**

*O modo como utilizamos estes espaços depende de nossa capacidade de perguntar: “Ok, agora chegamos até aqui, o que devemos fazer agora?”*

David Harvey

As recentes eleições mostraram que o PSOL pode contribuir para um novo ciclo de esquerda no Brasil. Nos tornamos uma alternativa no Rio de Janeiro e em São Paulo, somos capazes de eleger vereadores nas capitais do Brasil. Mas é ainda somos ator irrelevante nos pequenos e médios municípios e junto aos trabalhadores, agricultores, e na periferia das cidades, à exceção de São Paulo.

Não conseguiremos inaugurar um novo ciclo da esquerda brasileira se não corrigirmos o fato de que o socialismo ainda é uma opção desconhecida e até rejeitada por milhões de brasileiros, assim como a falta de presença dos socialistas junto às camadas populares. Uma proposta séria de mudança social deve organizar o povo para alterar relações historicamente constituídas entre sociedade civil e sociedade política, superar a velha cultura política e a hegemonia passiva e dependente do Estado que subsiste até hoje. Sem desconstruir estas e alcançar um novo protagonismo dos atores sociais não inauguraremos esse novo ciclo.

O partido deve buscar como valores estratégicos a unidade da esquerda e dos setores progressistas e democráticos e o combate permanente ao fascismo por ser inimigo da democracia, do socialismo, da luta contra a opressão e dos valores civilizatórios que acreditamos. Mas é preciso correções de rumo. Recrutar novas gerações renovando o partido, fazer novas experiências políticas, organizar plebiscitos com a participação dos filiados, tornar nossas teses públicas, investir na formação e na assistência política, retomar os núcleos e organizar-se territorialmente. Em estados ainda não sintonizados com estas diretrizes é preciso criar um novo modelo de gestão.

O partido deve priorizar a organização de base, investir nos movimentos sociais e na formação política de dirigentes, militantes e candidatos e criar coletivos territoriais. Os que ocupam funções parlamentares e executivas devem compreender os limites destes espaços para a luta pela transformação social e que só a combinação da luta social e da organização do povo pode dar base a uma nova proposta de poder. É preciso mostrar, quando dirigimos um partido, uma entidade ou uma associação, o quanto prezamos diretrizes éticas e sociais. Afinal, se cobramos do governo transparência, equidade, eficácia nas políticas públicas como não vamos fazer isto quando gerimos? No micro cosmo que é a gestão partidária precisamos mostrar eficiência com planos de ação e colocar os recursos partidários a este serviço.

São 16 anos desde que um número reduzido de militantes fez das tripas coração para erguer o partido na Bahia. Momentos de alegria, de participação nas lutas democráticas e populares. Mas poderíamos ter feito muito mais do que concorrer apenas em 20% dos municípios. Não há justificativa para a falta de profissionalização partidária, de comunicação com os diretórios, de prestação de contas, de estímulo para o funcionamento das instâncias que, em sua maioria, fecham após as eleições municipais, para reabrir nas proximidades dos congressos.

As eleições de 2020 trouxeram ao PSOL nacional seu maior desempenho. O montante que chegou ao estado surpreendeu os militantes. No entanto a forma que esse dinheiro foi distribuído levou a muitas injustiças. Poucos candidatos/as e municípios receberam importâncias significativas, em geral militantes ou aliados de correntes de Salvador. A maioria de municípios penou na campanha eleitoral recebendo quantias insignificantes. Houve candidato a prefeito que recebeu 200,00 e a vereador que recebeu ainda menos.

O partido precisa de outro modelo de gestão, moderno, profissionalizado, interiorizado e transparente. O partido deve ser mais protagonista nas questões populares, garantir a horizontalidade no seu funcionamento, ter planejamento estratégico e ampliar a participação de municípios e setoriais nas decisões políticas. O município deve ser nosso espaço privilegiado e os recursos precisam ser meios para os nossos fins. É preciso colocar em nossas metas chegar aos 50% dos municípios da Bahia durante o próximo mandato, estabelecer justiça na distribuição do fundo partidário e do fundo eleitoral garantindo uma distribuição equânime entre a executiva estadual e a assistência aos municípios. 70% do fundo eleitoral deve ir para o interior que tem 4/5 da população da capital.

É preciso melhorar o diálogo entre nossas forças políticas e, sempre que possível, aprovar resoluções consensuais. Por um fim nas reuniões fechadas da executiva admitindo a presença de outros membros da direção. O PSOL-BA deve fazer um esforço para criar e fazer funcionar setoriais de mulheres, negros, LGBTQIA+,



espiritual, moradia, sindical e de agricultores. Deve empenhar seus esforços para unir as lutas contra a precarização do trabalho, pela reforma agrária, por políticas agrícolas consistentes, por moradia, em defesa do funcionalismo, direitos humanos, combate ao racismo, machismo e homofobia, a privatização da EMBASA e pela universalização do direito ao saneamento, contra o extermínio da juventude negra e pela defesa do meio-ambiente.

A principal tendência política na Bahia é o embate entre o continuísmo neo - desenvolvimentista e a direita tradicional. No entanto é possível abrir espaço neste cenário atuando ao nível da consciência dos setores democráticos. Devemos aproveitar o respeito com que o PSOL saiu destas eleições para atrair militantes de esquerda descontentes e garantir a ampliação de nossa bancada estadual, das nossas votações ao Senado e ao Governo do Estado, garantindo a eleição de nosso primeiro deputado federal. O partido deve aprovar uma Comissão Programática e buscar desenvolver um projeto que possa atrair amplos segmentos da do povo baiano.

Precisamos sair do congresso com coesão e força militante capaz de se colocar na vanguarda das lutas por direitos humanos, contra o racismo estrutural e institucional, contra o feminicídio e todas as formas de violência social, com lideranças preparadas para resistir ao assédio conservador que em passado recente levaram parcela importante do campo de esquerda a flexibilizar direitos sociais duramente conquistados e a minimizar nossas lutas pelas transformações sociais.

#### Coletivo Independente

Assinaturas:

Ademário França Santos – PSOL Nazaré

Ailton Ferreira – Ex-candidato a vereador – PSOL Salvador

Aldenora Gomes de Moura – PSOL Araças

Alex Nunes – PSOL Salvador

Ana Cristina Jesus da Silva – PSOL Salvador

Ana Flávia Damasceno da Cruz – PSOL Nazaré

Ana Rita Matias Santos – PSOL Itapé

Anísia de Jesus – PSOL Salvador

Antenor Barnabé Conceição Gonçalves – PSOL Nazaré

Antônio Carlos de Jesus – PSOL Salvador

Antonio Fonseca dos Santos – PSOL Nazaré

Antônio Genival da Silva Filho – PSOL Jaguaquara

Aroldo Pinto de Azeredo – PSOL Itiúba

Brisa Santana Pires – PSOL Camacan

Cacique Samigo – PSOL Santa Cruz de Cabrália

Carlos Eduardo da Silva Barata – PSOL Lauro de Freitas

Carlos Antônio Reis de Jesus – PSOL São Sebastião do Passé

Carlos Augusto Santos da Silva – PSOL Nazaré

Carlos Júnior Setore – PSOL Lauro de Freitas

Crispim dos Santos – PSOL Salvador

Crispina Conceição de Jesus dos Santos – PSOL Conde

Damião dos Santos – Dirigente municipal PSOL Entre Rios

Deiseana Santos Lima – PSOL Saubara

Dejanira Santos da Silva – PSOL São Sebastião do Passé

Dênis Nascimento da Silva – PSOL Paratinga

Diego Dias Costa – PSOL Cachoeira

Dilma Cruz dos Santos – PSOL Nazaré

Djailton Magalhães (Deja) – ex-candidato a vereador PSOL Salvador

Doralice Pires dos Santos – PSOL Salvador

Dulce Aquino - Dirigente PSOL Salvador

Edelvito Almeida do Nascimento – PSOL Maracás

Edicléia Balbina dos Santos – PSOL Nazaré

Edilmar Lessa Chastinet Júnior – PSOL São Sebastião do Passé

Edilon Freitas – Presidente PSOL Conceição da Feira

Edmilson Neves de Oliveira (Denis) – Presidente PSOL Maragogipe

Edmundo Getulio de Oliveira – PSOL Valença

Edson Junior Dourado – Presidente do PSOL América Dourada

Elaine Cristine Pereira Fonseca (Lua) – PSOL Cachoeira

Elias de Jesus Santos – Dirigente do PSOL Entre Rios

Eliomar Santos de Oliveira – PSOL Salvador

Elze Fachhinetti Arnold – Secretaria de organização do PSOL Bahia

Eraldo Novais dos Santos – PSOL Vitória da Conquista

Erica Luana Santana de Oliveira – PSOL Salvador

Erivan Alves Araújo – PSOL Umburanas

Fabio Leão Pereira –PSOL São Sebastião do Passé

Fábio Mendes – PSOL Planaltino

Felipe de Sousa Figueiredo Santa Rosa - PSOL Ibicarai

Franklin Oliveira – PSOL Salvador

Francisco José de Almeida (Padre Chico) – PSOL São Gabriel

Geovane Melo Soares – PSOL Lauro de Freitas

Geronilson da Silva – PSOL Entre Rios

Gilmar Evangelista – Presidente do PSOL Camamu

Gilson Lima de Jesus – PSOL Saubara

Girlene Almeida dos Santos – PSOL Entre Rios

Glaucineide Santos Nunes – PSOL Serrinha

Guilherme Ferreira da Silva – PSOL Tapiramutá

Herzem Costa (Zem) – PSOL Itabuna

Hipólito de Brito – Presidente do PSOL Nazaré

Hortência Fraga – PSOL Lauro de Freitas

Irandir Conceição Santana – PSOL Salvador

Irinalva Ferreira Santos dos Santos – PSOL Entre Rios

Isaque Pinto dos Santos – PSOL Entre Rios

Ismael Guimarães Santos – PSOL Lauro de Freitas

Iuri Nobre dos Santos – PSOL Cachoeira

Ivana Karoline Novaes Machado – PSOL Maracás

Ivoneide Maria de Santana – PSOL Serrinha

Jailton Nunes da Silva (Popó) – Presidente do PSOL Itiúba

Jairo de Jesus – Direção do PSOL Salvador

James William's Tomaz de Aquino Rodrigues – PSOL Saubara-

Jecilene de Jesus Santos – PSOL Entre Rios

Jeferson dos Santos Alves Júnior (Ralado) – PSOL Cachoeira

Joanise Ferreira de Paula – PSOL Entre Rios

José Carlos dos Santos – PSOL Salvador

João Carlos Silva Santos Júnior (Júnior do Depósito) – Ex candidato a vereador do PSOL Salvador

José dos Santos Barreto – PSOL Araçás

José Irailton Gonçalves Souza – PSOL Prado

Jorge Carvalho – Dirigente do PSOL Jacobina

José Crispiniano de Jesus – PSOL Entre Rios

José Deyser Vasconcelos – PSOL Salvador

José Fábio Santos dos Santos (Fábio Quilombola) – Secretário do PSOL Entre Rios

José Jorge Lopes dos Santos (Jorge Relojoeiro) – PSOL Salvador

José Laudelino dos Santos – Dirigente do PSOL Simões Filho

José Raimundo de Jesus – PSOL Entre Rios

Josenilda da Silva Rosa – PSOL Entre Rios

Joseval de Araújo Santos – PSOL Saubara

Julia Vieira – PSOL Entre Rios

Juliemile Oliveira – PSOL Simões Filho

Lara Roberta Gama da Silva – PSOL Umburanas

Larissa Barros – PSOL Salvador

Leandro de Oliveira Santana – PSOL Salvador

Leandro Santos Nunes – PSOL Serrinha

Leis Leal da Silva – PSOL Paratinga

Leonardo Oliveira Santana – PSOL Salvador

Lindaura Lima dos Santos – PSOL Entre Rios

Lorena Barros – PSOL Salvador

Loriene dos Santos Teixeira – PSOL Nazaré

Lourival Santos – Dirigente do PSOL Salvador

Luani Gomes de Moura – Presidenta do PSOL Araçás

Lucas de Souza Barroso – PSOL Firmino Alves

Luciano Alves Campelo – PSOL Ilhéus

Luciano José Conceição dos Santos – PSOL Salvador

Luciano Dias dos Santos - Dirigente PSOL Simões Filho

Luís Aboim – Ex-candidato a vereador PSOL Salvador

Luiz Anselmo Cardoso da Silva – PSOL Salvador

  

Luiz Orleans Feitoza dos Santos – PSOL São Gabriel

Manuel Ferreira Braga – PSOL Aurelino Leal

Marcelo Silva Nunes – PSOL Serrinha

Márcia Ministra – ex-candidata a vereadora PSOL Salvador

Márcia Santos – PSOL Salvador

Marcio Cassimiro Ribeiro – PSOL Serrinha

  

Maria Asenate Franco – PSOL Camaçari

Maria Cristina dos Santos Barros (Cris Barros) – Presidente Municipal PSOL Salvador e Dirigente Estadual PSOL Bahia

Marcos Mahatman Nascimento Maciel (Mahatman) – PSOL Cachoeira

Maria Bentila dos Santos – Dirigente PSOL Entre Rios

Maria da Conceição Sampaio – PSOL Nazaré

Maria das Graças Silva Santos – PSOL Buerarema

Maria de Lourdes Dias Santos – PSOL Serrinha

Maria Elane da Conceição – PSOL Entre Rios

Maria Ionete de Jesus – PSOL Serrinha

Maria Jesus Boa Sorte – PSOL São Gabriel

Maria Luzinete dos Santos Ramos - Dirigente PSOL Simões Filho

Maria Nelci Lima Soares – PSOL Saubara

Maria Nilda Pereira Rodrigues – PSOL Serrinha

Maria Renilda Dantas dos Santos – PSOL Entre Rios

Maria Sonia Requião dos Santos - Dirigente PSOL Simões Filho

Mariele de Jesus Copa – PSOL Cachoeira

Marineuza Silva dos Santos – Dirigente do PSOL Simões Filho

Marinez Conceição Santos de Araújo – PSOL Entre Rios

Marise Borges Ferreira – PSOL Nazaré

Marivaldo Rodrigues Frederick – Presidente do PSOL Conde

Maxsuel de Jesus Ribeiro – PSOL Itacaré

Mezaque Santos de Jesus – PSOL Entre Rios

Mila Mota – PSOL Salvador

Milena da Silva Batista – PSOL Entre Rios

Milena dos Santos – PSOL Lauro de Freitas

Monica dos Santos Vieira – PSOL Iguai

Natalícia Santos de Jesus – PSOL Entre Rios

Natanael Jose Barbosa Costa - PSOL Barrocas

Odete da Conceição de Freitas – PSOL Entre Rios

Paulo Roberto Ribeiro de Freitas – PSOL São Sebastião do Passé

Paulo Santana dos Santos – PSOL Serrinha

Rafaelle Costa Lemos – PSOL Serrinha

Roberto Juarez Guena Cerqueira – PSOL Salvador

Roquildes Ramos – PSOL Salvador

Rosenaide Santos de Jesus – PSOL Entre Rios

Rui Célio Santos Silva – PSOL Salvador

Sandra Cunha Mota - PSOL Barrocas

Sandro de Oliveira Ferreira – Presidente do PSOL Oliveira dos Brejinhos

Severina dos Santos Soares – PSOL Entre Rios

Silvanele Brito de Jesus (Neli) – PSOL Salvador

Silvio Luiz da Silva Barata – Núcleo do PSOL Lauro de Freitas

Stefany de Santana Costa. – PSOL Serrinha

Sueli Almeida dos Santos – PSOL Entre Rios

Susicarla Nogueira de Brito da Apresentação – PSOL Salvador

Tania Moura de Almeida Santos – PSOL Nazaré

Tatiane Bernadete Santos Antonio - PSOL Nazaré

Teilson Borges dos Santos – PSOL Nazaré

Thiago Santos Ferreira – PSOL Lauro de Freitas

Tiago Fonseca – PSOL Itapé

Udenilson Batista do Carmo - PSOL Itiúba

Vanilly Santana dos Santos – PSOL Serrinha

Vera Lúcia Santos de Jesus – Presidente do PSOL Entre Rios

Vilma Silva Muniz – PSOL Salvador

Walter Sena Santana – PSOL Salvador

Wellington Luís Silva da Conceição – PSOL Salvador

Wilney Sousa Rocha – PSOL Salvador

Zenira Santos Pinto – Militante/Entre Rios

Zoraia Nunes da Gama Santos – PSOL São Gabriel

